

INCANSÁVEL SONHADORA

"E u sou uma sonhadora contumaz. Sonho todos os dias com alguma coisa. Eu quero, vou e faço, custe o que custar, doa a quem doer; que é para fazer a vida valer a pena", revela Regiani Ritter. Quando deixou a fazenda Pedregulho, no município de Ibitinga (SP), ainda adolescente, ela tinha uma porção de sonhos. Sabia que tinha vindo ao mundo para ser protagonista e não mera coadjuvante. Primeiro, quis ser advogada, pois "queria brilhar nos tribunais". Mas, a grana era curta. A família não tinha recursos para realizar o sonho da menina e ela foi à luta.

Regiani começou a batalhar ainda cedo e, a muito custo, pagava o curso no Teatro Escola São Paulo. Lá, encontrou os mestres Júlio Gouveia e Lúcia Lambertini que logo a dispensaram das aulas. Apesar da pouca idade — 12 anos —, estava pronta.

A primeira oportunidade no *show business* aconteceu aos 14 anos, após teste na rádio Bandeirantes. Foi convidada pelo empresário Araripe Barbosa para cantar em shows políticos, numa turnê em quarenta cidades do interior de São Paulo. Apesar do "pé atrás" do pai, que não queria uma filha artista, pois achava que nesse meio "todo mundo é puta, maconheiro e viado", teve o aval da mãe, que assinou seu contrato.

Tudo correu bem até o décimo show. Regiani Ritter mudou o repertório ensaiado para cantar o sucesso "Se acaso você chegasse", de Elza

**REGIANI RITTER DERRUBOU
AS BARREIRAS DO
MACHISMO, INVADIU O
"CLUBE DO BOLINHA" E
PROVOU QUE MULHER NÃO
SÓ SABE FALAR DE
FUTEBOL, COMO O FAZ COM
MAESTRIA E COMPETÊNCIA**

POR VANESSA GONÇALVES
SUBEDITORA DE PORTAL

POR JÉSSICA OLIVEIRA
DA REPORTAGEM

Soares, e seu mundo caiu, pois percebeu que "não era boa cantora e que não ia fazer carreira". Apesar dos apelos do empresário, quebrou o contrato e deixou o sonho de lado.

NASCE UMA ESTRELA

Sem medo, passou a bater de porta em porta em busca de novas oportunidades nas emissoras de rádio e televisão de São Paulo, o que não deixou de lhe causar os primeiros embates profissionais. Por vezes, foi convidada a fazer o famoso "teste do sofá" para conseguir um papel. Quando um diretor pediu para que levantasse o vestido para ver "um pouco mais do que suas pernas", prontamente disparou: "Então você

vai ver, mas das mulheres da sua família. Virei as costas, bati a porta e mandei ele 'à merda'".

Nem tudo estava perdido. Seu caminho cruzou com o do diretor Geraldo Vietri, da TV Tupi, e Ritter estreou fazendo teleteatro. Dali para frente, a carreira deslançou e ela passou a atuar com artistas de renome, como Lima Duarte, Laura Cardoso, Eva Wilma, John Herbert, Nair Belo, entre outros.

Regiani logo se cansou da rotina de trabalhar sem contrato, apenas por cachê. Neste momento, surgiu um convite da TV Cultura para ser apresentadora e anunciadora. Na nova emissora, ela apresentava programetes e fazia propaganda ao vivo durante os intervalos. "Eu me sentia! Ainda mais para quem saiu direto da roça para o vídeo ao vivo. Eu me achava a maior vencedora do planeta".





“Sempre me julguei vitoriosa, nunca cogitei a possibilidade de perder”, explica Ritter. No entanto, após algum tempo, problemas pessoais a levaram para o Rio de Janeiro. Na “cidade maravilhosa”, ela passou a trabalhar com publicidade. Mas, a experiência durou pouco, pois como ela mesma diz: “não era a figura central”.

Regiani voltou para a TV Tupi, mas logo se apaixonou, casou e saiu de cena. “Não conseguia fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Só fiquei casada. Nenhuma mulher do planeta era mais feliz do que eu”. Entretanto, a vida dedicada à família durou apenas um ano e meio, quando seu companheiro morreu.

Pelas mãos dos amigos, Regiani chegou à rádio Gazeta, em 1980. Para ela, era a chance de provar a si mesma que tinha sobrevivido. Com experiência acumulada em passagens pela TV, teatro e cinema, tinha a bagagem necessária para brilhar no novo veículo; e foi amor à primeira vista. “Eu tinha sido razoavelmente feliz em todas as emissoras, mas não tinha me aliado a nenhuma delas. Me apaixonei pela Fundação [Cáspers Líbero]”, conta.

DENTRO DE CAMPO

Na rádio Gazeta, Regiani Ritter comandou um programa de variedades. Como ela mesma diz: “abordava de tudo, menos conselho matrimonial, receita, moda”, pois não saberia fazer “um programa de mulher para mulher”. Por coincidência, nesta atração tinha um pequeno noticiário de esportes, que chamou a atenção da apresentadora. Passados quatro anos, e já ambientada ao veículo, a profissional foi convidada pelo narrador Pedro Luiz para cobrir a ausência de um repórter que tinha ido acompanhar a seleção brasileira, em Minas Gerais.

O que encantou a nova repórter foram as constantes viagens e o fato de cada dia falar de algo diferente. Como não tinha certeza se ia dar certo naquela posição, dividiu-se entre a cobertura esportiva e a apresentação do programa de

**"SEMPRE
ME JULGUEI
VITORIOSA,
NUNCA
COGITEI A
POSSIBILIDADE
DE PERDER"**

variedades. Ao entrar no meio esportivo, Regiani encontrou algumas barreiras. De cara, ficou como quinta repórter da equipe, o que significava ficar de fora dos jogos nos finais de semana; isso a frustrou. “Sabe o que é você namorar, abraçar, beijar, tirar a roupa e, na hora do ‘bembom’, te botarem pra fora da festa? Era assim!”.

Impaciente, começou a cobrar seu nome na escala do fim de semana e, quando menos esperava, apareceu na lista para fazer um plantão no jogo. Exultante, comemorou a conquista, pois o responsável pelo posto tinha um papel importante. “No dia seguinte, cheguei à redação e meu nome estava riscado. O posto estava cancelado. Juro por Deus, naquele dia eu senti uma facada”.

Decepcionada, questionou à coordenadora do departamento, que relatou que tinham mandado alegar problemas técnicos para o cancelamento do plantão que ela fazia. Não satisfeita, colocou Pedro Luiz na parede e ele contou que o superintendente da emissora achava que a voz feminina poderia tirar a credibilidade da informação esportiva. Ignorando o pedido de calma do locutor, descobriu que o adiamento de sua estreia na jornada esportiva era, na verdade, opção do próprio narrador.

Quando estava decidida a jogar tudo para o alto, recebeu o convite de Roberto Avallone, que trabalhava na TV Gazeta, para cobrir as férias do repórter Cléber Machado, atual narrador da Rede Globo. Na segunda escala, surgiu a oportunidade de Regiani estrear na jornada esportiva. “Eu não devia ter me rebelado tanto, a hora ia chegar. Só que aí me toquei de que eu não sabia fazer”, revela.

No caminho para o estádio, surgiu a ideia de observar o trabalho dos repórteres de rádio. “Grudei nos melhores. Vi como eles davam a escalação, qual a entonação, como davam a arbitragem etc.” Perfeccionista, a jornalista não queria errar. Ao gravar o primeiro *tape*, deu tudo certo. O que importava é que ela tinha entrado no “Clube do Bolinha” pela porta da frente.



Alf Ribeiro

BONS E MAUS BOCADOS

Dividindo-se entre o rádio e a TV, Ritter foi se consolidando como uma das principais repórteres esportivas do país. Embora não fosse a primeira mulher a ter essa “ousadia”, foi considerada pioneira, pois tinha vindo para ficar. “Quando deu cinco, dez anos, comecei a ser chamada de pioneira, porque, a essa altura, eu já tinha entrado em vestiário, coisa que nenhuma mulher tinha feito”.

Por ser mulher, sempre esperava os jogadores saírem do vestiário após as partidas, o que, de alguma forma, a prejudicava, pois os outros colegas entravam no local e obtinham declarações antes dela. Até que um dia, em um jogo no Morumbi, os torcedores começaram a arremessar objetos nela e no técnico do São Paulo, Otacílio Pires, o Cilinho. “Ele me pegou pela mão e falou: ‘vestiário, vestiário’”.

Já no túnel, ela disse ao técnico que só entrava no local quando os jogadores estivessem parcialmente vestidos. Acabou levando uma baíta bronca e entrou com Cilinho no vestiário. “Ele me levou pelo túnel dos jogadores, não tinham liberado para a imprensa ainda. De repente, entrei e eles tinham acabado de arrancar as roupas. Tinham uns 15, 20 homens pelados”.

Passado o susto, tanto dela quanto dos jogadores, Regiani diz que ficou olhando para a parede, tentando disfarçar a vergonha. Aí foi tudo uma questão de costume e a coisa acabou ficando natural.

Para José Silvério, narrador da rádio Bandeirantes, a profissional “não tinha problemas e se adaptava aos ambientes. E teve coragem para encarar isso. Fez muitas matérias interessantes. Depois começou a ter mais facilidade nos acessos e nas entrevistas, pois entenderam que o trabalho dela era sério e passou a ter menos constrangimentos”.

As coisas nem sempre foram fáceis. Certa vez, em Campinas (SP), entrou no gramado com um coro altamente ofensivo. “Pensei em fazer algum

**"SE EU
ERRASSE ERA
'VOLTA PARA
COZINHA'. EU
OUVI ISSO DO
MILTON NEVES"**

gesto, mas não podia, senão seria ‘trucidada’ aqui. A minha vontade era gritar, chorar, arrancar os cabelos. ‘Putá merda’, aquele dia foi duro”. O que fez Regiani superar o momento foi pensar que aqueles homens que a ofendiam eram frustrados, pois viam uma mulher no lugar onde todos eles sonhavam estar. “Comecei a ficar com pena deles”, relembra.

FALANDO DE FUTEBOL

Não bastasse se tornar uma das principais repórteres esportivas do Brasil, Regiani Ritter quebrou outra barreira e passou a comentar futebol no “Mesa Redonda”, um dos programas mais tradicionais sobre o esporte na TV brasileira. Mas, a “parada” também não foi fácil. Mais que todos os outros integrantes da atração, ela não podia errar, então se preparava com afinco. “Se eu errasse era ‘volta para cozinha’. Eu ouvi isso do Milton Neves”.

Milton Neves faz autocritica sobre essa briga. “Demorei muito tempo para pedir desculpas pela besteira de falar que lugar de mulher é na cozinha, que não entendia nada de futebol. Ela estava ganhando a discussão e apelei. Foi uma das maiores bobagens que falei na minha vida”.

Para Regiani, o sucesso como comentarista estava ligado à sua intuição. Ela relembra o caso da nomeação de Telê Santana como técnico da seleção brasileira, em 1986. Enquanto todos os colegas do “Mesa Redonda” exaltavam o retorno dele ao comando da equipe, ela foi a única a cravar “perdemos mais uma Copa”. Bastante criticada, esperou o fim do Mundial para ver que estava certa, mas não tripudiou.

Passado algum tempo, Regiani entrou na Rede Record como repórter. Cansada, queria se dedicar apenas como setorista de um clube, para trabalhar algumas horas e ter o resto do dia livre. Mas, com 15 dias na nova casa, o editor-chefe saiu e a indicou para seu cargo. Com alguma resistência, acabou aceitando a empreitada.



Arquivo Pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo Fundação Cásper Líbero

RECONHECIMENTO E RENASCIMENTO

Disposta a novos desafios, sonhava também em atuar no jornalismo impresso. A oportunidade bateu à sua porta meio sem querer. Topou cobrir as férias de um colega no *Diário Popular*, em 1991. Mal sabia que a grande consagração de sua carreira estava por vir. Neste mesmo ano, ela foi escolhida como melhor repórter esportivo do Brasil. Na hora, não acreditou muito. “Pensei: ‘alguém se enganou’. Eu sou boa, sei que sou, mas não sou tudo isso”.

Mas, não faltaram críticas a essa escolha. No dia seguinte, encontrou um colega da *Gazeta Esportiva* que ironizou o fato de ela ser eleita a melhor do ano. “Você foi eleita a melhor jornalista esportiva feminina, só tem você. Ganhou de quem?”. Regiani não deixou por menos: “Não tem nada pior que jornalista mal informado. Não existe a categoria feminina, eu ganhei de 600 homens no Estado de São Paulo, inclusive de você”. Apesar dos críticos, há os que reconhecem o talento dela. “Ela é a Rosa de Luxemburgo do jornalismo. Sempre foi um símbolo, um ícone. Vai ser difícil uma repórter superar a Regiani”, diz Chico Lang, da TV Gazeta.

Após a Copa do Mundo de 1994, primeira da qual fez parte, a jornalista resolveu se aposentar. A vida lhe deu outra rasteira. Por quase dez anos, ficou afastada de tudo e de todos por motivos pessoais. Até que, certo dia, a rádio Gazeta a chamou de volta. Regiani encontrou no trabalho a sua tábua de salvação. O fato é que, mesmo afastada da cobertura esportiva, continuava sendo lembrada por seu pioneirismo enquanto mulher dentro das quatro linhas.

Em 2010, a Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (ACEESP) instituiu o “Troféu Regiani Ritter” para o destaque anual feminino do jornalismo esportivo. Segundo Erick Castelheiro, vice-presidente da entidade, a escolha foi natural. “Por tudo o que ela representa e simboliza para jornalistas que trabalham na editoria de esporte. Nem se chegou a pensar em outra profissional: a criação do ‘Troféu Regiani Ritter’ foi aprovada por unanimidade”.

“Esse é um sonho que eu não sonhei”, declara Ritter. De fato, tal qual uma fênix, ela está disposta a nascer e renascer quantas vezes for necessário. Afinal, o que não muda é que Regiani nunca deixou de sonhar. **1**

EM CAMPO

ENTREVISTANDO CARLOS MIGUEL AIDAR E JOSÉ MARIA MARIN; NO PROGRAMA DA HEBE, EM 1990; NAS ELIMINATÓRIAS, EM 1993, NA VENEZUELA; EM ENTREVISTA COM VÁLBER